

A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR E APRENDER NO COTIDIANO DOS EDUCANDOS E EDUCADORES DA EDUCAÇÃO DO E NO CAMPO

Elsia Guedes de Carvalho¹;
Silvana Cassia Hoeller².

RESUMO

O presente trabalho foi elaborado por meio de uma revisão da literatura e tem como objetivo buscar e oferecer conhecimentos acerca do desenvolvimento de como se dão as práticas pedagógicas dos professores da Educação do Campo e a mobilização dos saberes docentes, que efetivamente contribua na formação de cidadãos atuantes e críticos, numa sociedade em constantes transformações e para tal buscou-se ainda conhecimentos para ensinar, os quais, os autores elevam para os saberes pedagógicos, os didáticos e os da cultura que se encontram numa verdadeira arte de ensinar e aprender para o público envolvido. Consta também neste trabalho o relato de entrevista de um camponês do município de Goioerê Paraná feita pelos educandos da 4ª série da Escola Municipal Monteiro Lobato sob a minha regência. Haja vista que as boas práticas pedagógicas acontecem quando educadores, profissionais e educandos envolvidos participam ativamente com propostas no coletivo, e demandando-as democraticamente nas instâncias adequadas, para que o cidadão, as comunidades, as escolas e os profissionais da educação envolvidos e aparelhados com reflexões, fundamentos teóricos, experiências e práticas que contribuam para uma educação mais completa para o público no e do campo.

Palavras-chave: Camponeses, Ensino e Aprendizagem, Saberes Pedagógicos.

¹ Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo-EAD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Goioerê, e-mail: elsiaguedes@hotmail.com

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

1 INTRODUÇÃO

A politização da educação do campo por parte dos movimentos igualitários que atuam neste âmbito é um dos acontecimentos mais acentuados na área da educação.

Estas demandas que chegam ao campo da educação quase sempre vêm de novas proposições, novidades e com novas roupagens pedagógicas.

As grandes inquisições para este preceito educacional estão vindas dos movimentos sociais. São eles que hoje interrogam as teorias pedagógicas, políticas educativas e questiona o fazer educativo, a formação de professores.

Baseado nisso, objetivou-se neste trabalho pesquisar por meio de uma revisão da literatura o que concerne o processo ensino/aprendizagem para o público no e do campo. Objetiva também relatar a experiência vivenciada em visitas as famílias de camponeses com os alunos da 4^a série da Escola Municipal Monteiro Lobato do município de Goioerê - Paraná. Haja vista que a educação básica do campo busca recriar o conceito de camponês, utilizando, portanto, a categoria campo como sinal significativo de tal recriação. A educação do campo refere-se, portanto, ao conjunto de trabalhadores/as que habitam uma determinada realidade camponesa.

Com a justificativa de buscar conhecimentos úteis e atualizados acerca deste tema bem como elucidar a importância de ensinar e aprender no cotidiano dos educandos e educadores da educação do campo.

Caldart, (2002, p.63), diz que: “Somente as escolas construídas política e pedagogicamente pelos sujeitos do campo, conseguem ter o jeito do campo, e incorporar neste jeito as formas de organização e de trabalho dos povos do campo”

É válida esta afirmação, pois é sabido que esta reuniu vontades e ações na luta por uma educação que promovesse a valorização da vida campesina, o respeito aos saberes da terra e resgatasse a dignidade dos trabalhadores e trabalhadoras do

campo, pois a educação no campo tem características e necessidades próprias para este aluno em seu espaço cultural, sem abrir mão de sua pluralidade como fonte de conhecimento em diversas áreas.

Por isso, se faz importante e necessário buscar soluções para combater as desigualdades do cotidiano escolar, que visem o incentivo e a construção de relações baseadas no respeito e na valorização de milhares de brasileiros que tiram seu sustento da terra.

Portanto, é fundamental a construção de uma política de educação do campo com uma identidade de educação a partir de seus sujeitos, uma educação que respeite a diversidade cultural e diferentes experiências de educação, com o reconhecimento da sua especificidade, singularidade, potencialidade e no estabelecimento de um território legítimo de produção de saberes e da existência humana.

Vale ressaltar que a educação do campo nasceu de uma visão sobre o seu papel reconhecendo-o como espaço de democratização da sociedade brasileira e sobre seus sujeitos reconhecendo-os como sujeitos de história e de direitos.

Assim confirma Caldart (2008, p. 65) “[...] a Educação do Campo, que nasceu dos movimentos sociais camponeses, em contraponto à educação rural”.

A autora complementa que esta nasceu vinculada aos trabalhadores pobres do campo, aos trabalhadores sem-terra, sem trabalho, dispostos a reagir, a lutar, a se organizar contra o “estado de coisas”, para, aos poucos, buscar ampliar o olhar para o conjunto dos trabalhadores do campo.

Sendo assim, a construção de uma educação igualitária está diretamente relacionada à desconstrução de muitos dos paradigmas e crenças atualmente pregados na educação no campo. É preciso reunir forças a fim de romper a visão urbanocêntrica, que impõe uma educação a todos seguindo o molde da que é utilizada na cidade, para que a escola possa atender às particularidades da vida rural e de cada região conforme estabelecido pelo artigo 28 da LDB, que institui:

Art. 28º. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas (BRASIL, 1996: art. 28).

Nesse sentido, não basta ter escolas no campo e sim ter escolas do campo, comprometidas com os desafios, a história e a cultura de sua população.

O desafio é desenvolver projetos político-pedagógicos que permitam construir a identidade dessa escola, com um ensino/aprendizagem mais completo e para tal é preciso inteirar-se de toda essa importante demanda que é o ensinar e aprender no cotidiano desses educandos e educadores, favorecendo parcerias no desenvolvimento de trabalhos na formação continuada de professores do campo, resgatando assim uma dívida histórica de nosso país com aqueles que vivem no campo.

2 ENSINAR E APRENDER UMA AÇÃO FASCINANTE

O ensinar e o aprender caminham juntos. Mais do que ensinar conteúdos, ser ensinante está atrelado a abrir caminhos. Não se transmite conhecimento, mas, sim, sinais deste, para que o outro possa fazer uso dele e transformá-lo de forma subjetiva.

O desejo e as vontades atuam como diferenciais no processo, autorizando e fazendo uso de diferentes ferramentas oferecidas para que se tornem instrumentos na construção do conhecimento e se alcance o objetivo final (FARO, 2009).

A tarefa de educar é interessante, gratificante, porém exige grande esforço e dedicação para alcançar grandes objetivos.

Segundo Freire (1983), se o educador tem uma opção democrática, com autocrítica e procura diminuir a distância entre o discurso e a prática, ele “vive uma difícil, mas possível e prazerosa experiência de falar “aos” educandos e “com” eles”.

No que concerne a Educação do Campo a dedicação do professor e o amor ao trabalho influenciam a obtenção do sucesso na carreira profissional, pois sem essas qualidades o trabalho se torna árduo e cansativo.

No cotidiano da sala de aula, o planejamento é fundamental, pois permite a flexibilidade necessária que leva em conta as demandas momentâneas dos educandos e pode dar novos rumos ao trabalho, fazendo da prática pedagógica uma atividade artesanal e única.

As propostas pedagógicas das escolas do campo, devem respeitar as diferenças e o direito à igualdade, contemplando a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, gerações e etnia.

Para Furtado; Souza (1998) trata-se de uma nova postura analítica como indicio de ruptura, interpretada no cerne da escola rural como uma ação inovadora, organizada a partir das possibilidades de atuação dos professores, ou seja, uma ordenação cultural exercida nos limites do espaço pedagógico a partir da ação de atores locais e da participação popular, que espera vigilante, a ocasião e a possibilidade de se manifestar, imprimindo outra racionalidade aos saberes a serem instituídos na perspectiva de desenvolvimento.

Freire (1983) Quando fala sobre a tarefa docente, ressalta que o professor aprende ao ensinar e que o/a aluno/a, ao aprender, também ensina. O mesmo autor segue dizendo que “quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”.

E assim buscam-se melhores formas de aprender e ensinar, na Educação do Campo e também a formação continuada de professores, de forma compartilhada e integrada a saberes e vivências dos participantes, abrindo-se a críticas e sugestões.

Não basta, simplesmente, oferecer a inovação ao professor, apresentando-lhe

uma receita, através da qual supostamente se vai conseguir uma aprendizagem efetiva. Por mais êxito que possa ter uma metodologia de ensino esta só ganha significado mediante a maneira do professor incorporá-la à sua prática cotidiana.

Para isso, é necessário que professores reconheçam que em suas salas de aula, além de trabalharem definições, conceitos, também estão ensinando procedimentos, atitudes e valores e, nesse sentido, o comprometimento com uma formação de qualidade é peça-chave desse processo.

É necessário ainda que se estabeleçam expectativas de aprendizagem dos alunos em consequência do ensino e devem se expressar nos objetivos, nos critérios de avaliação propostos e na definição do que será considerado como testemunho das aprendizagens.

Os educadores/as e a equipe pedagógica, muitas vezes, desconhecem o contexto, a história, a cultura do campo e de seus povos. O modelo de currículo, historicamente adotado, em geral, é baseado na cultura urbana e nos saberes produzidos nesses espaços. Nesse sentido, coloca-se como fundamental possibilitar aos educadores/as e demais integrantes das equipes pedagógicas que trabalham com os sujeitos do campo, conhecer e refletir de forma aprofundada sobre a história e a cultura camponesa, sobre a questão agrária na atualidade, sobre a organização do trabalho pedagógico escolar tomando por referência as Diretrizes Nacionais para a Educação do Campo (BICA, SILVA e HOELLER, 2010).

De acordo com os objetivos do SECAD (2007), quando diz que é necessário estabelecer uma política nacional de formação permanente e específica dos profissionais da Educação do Campo que possibilite o atendimento efetivo das demandas e necessidades dos alunos, educadores, redes de ensino e comunidades do campo e ainda promover a valorização dos profissionais que atuam na Educação do Campo.

Para se conceber uma educação a partir do campo e para o campo, é necessário mobilizar e colocar em cheque idéias e conceitos há muito estabelecidos pelo senso comum. Mais do que isso, é preciso desconstruir

paradigmas, preconceitos e injustiças, a fim de reverter as desigualdades educacionais, historicamente construídas, entre campo e cidade (SECAD, 2007, p. 13).

Para o aluno, a aprendizagem deve possibilitar a tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades, para a reorganização de seu investimento na tarefa de aprender assim às carências e dificuldades encontradas no processo de ensino/aprendizagem.

3 A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR E APRENDER NO COTIDIANO DOS EDUCANDOS E EDUCADORES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

O termo “educação” abrange uma conjuntura muito ampla e neste há um processo de desenvolvimento que se articulam o ato de ensinar e aprender. É também algo menos palpável, mais profundo: construção do conhecimento, bom julgamento e sabedoria.

A educação tem nos seus objetivos fundamentais a passagem da cultura de geração para geração (LIBERATTI, 2010).

Sendo assim: O processo educativo que se desenvolve na escola pela instrução e ensino consiste na identificação de conhecimento e experiências acrescentados pelas gerações anteriores na transcorrência do desenvolvimento histórico-social.

Entretanto, o processo educativo está condicionado pelas relações sociais em cujo interior se desenvolve; e as condições sociais políticas e econômicas aí existentes influenciam decisivamente o processo de ensino e aprendizagem.

As finalidades educativas subordinam-se, pois as escolhas feitas frente aos interesses de classe determinados pela forma de organização das relações sociais.

Por isso, a prática educativa requer uma direção de sentido para formação humana dos indivíduos e processos que assegurem a atividade prática que lhes

corresponde. Para tornar efetivo o processo educativo é preciso dar-lhe uma orientação sobre as finalidades e meios de sua realização, conforme opções que se façam quanto ao tipo de sociedade a que se aspira (ANTONIO e LUCINI, 2007).

Este conceito fundamenta-se na prática educativa que se desenvolve nos movimentos sociais, nas diferentes organizações que atuam com educação, e na LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96, que determina em seu art. 1º que: “A educação deve abranger os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Portanto, o educador junto aos educandos das escolas do campo deve sempre utilizar a teoria e prática, mas ser sujeito da história entender as relações sociais, não ser apenas um teórico academicista, modificar a realidade objetiva, refletir, levar a uma ação que enfrenta desafios, conscientiza, reflete e transcende a competência técnica e científica e ainda auxiliar os educandos a dirigir e liderar, construir sua capacitação e participar de organismos coletivos com uso do diálogo, discussões e debates onde os educandos possam interagir.

A “educação do campo” é uma definição utilizada para definir uma proposta de educação concebida pelos protagonistas que vivem no e do campo, que atende às suas ansiedades, valoriza e re-significa suas culturas, saberes, valores, gestos, símbolos, etc. Ao mesmo tempo que colabora na reflexão sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência desse trabalho (KOLLING; NERY; MOLINA, 1998).

A educação deve ser um ato coletivo, solidário, de amor, não pode ser imposta.

Educar é uma tarefa de troca entre pessoas e não pode ser feita por um sujeito isolado, não pode ser o resultado do desejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que não possui nenhum.

É verdadeira a idéia de Freire (2003, p. 28): de que ninguém educa ninguém e

ninguém se educa sozinho. “[...] Não há educadores puros, pensou Paulo Freire, nem educandos. De um lado e do outro do trabalho em que se ensina e aprende, há sempre educadores/educandos e educandos/educadores. De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende.”

Assim, um planejamento de ensino, de curso e de aula bem definidos são fundamentais para que o educando sinta-se motivado a aprender e, conseqüentemente, o educador sinta-se motivado a ensinar.

“A conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que “desvela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante” (FREIRE, 1983, p. 29).

Na opção metodológica da Educação do Campo o diálogo manifesta-se como um instrumento fundamental, sobretudo porque na visão do educador Paulo Freire o diálogo é instrumento pedagógico fundante da formação humana, porque dá voz aqueles que sempre foram silenciados pela pedagogia do opressor.

O diálogo possibilita de efetivar uma educação para a liberdade e para a autonomia, valorizando o educando como ser humano, desenvolvendo as suas habilidades, se preocupando com suas condições de vida que são problematizadas com o objetivo de transformá-las.

Os educadores/as e a equipe pedagógica, muitas vezes, desconhecem o contexto, a história, a cultura do campo e de seus povos.

O modelo de currículo, historicamente adotado, em geral, é baseado na cultura urbana e nos saberes produzidos nesses espaços.

Nesse sentido, coloca-se como fundamental possibilitar aos educadores/as e demais integrantes das equipes pedagógicas que trabalham com os sujeitos do campo, conhecer e refletir de forma aprofundada sobre a história e a cultura camponesa, sobre a questão agrária na atualidade, sobre a organização do trabalho pedagógico escolar tomando por referência as Diretrizes Nacionais para a Educação do Campo.

4 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência da prática pedagógica realizou-se por meio de visita a família de um camponês pioneiro do município de Goioerê Paraná, juntamente com os alunos da 4ª série da Escola Monteiro Lobato e teve como objetivo conscientizar os alunos sobre as diferentes áreas como: organização de camponeses, produção, comercialização, educação e formação, pois para compreender dados, elementos de uma determinada realidade é necessário compreendê-la em sua temporalidade e em sua espacialidade na qual a comunidade está inserida.

Conhecer uma realidade é, portanto, reconhecê-la como historicamente determinada, constituída por sujeitos que a representam, a simbolizam. Sob a forma de percepção, de intuição, de sensações, de concepções, a realidade é sempre uma realidade para um indivíduo ou grupo de indivíduos que compartilhem entre si o sentido dessa realidade (TEVES, 1992, p. 7).

Entende-se que o cotidiano da vida camponesa envolve uma série de fazeres do trabalho na agricultura, no cuidado com animais, nos afazeres domésticos, que resultam em saberes de experiências que são mobilizados, mas também são desenvolvidas atividades comunitárias concernentes à cultura, ao meio ambiente, ao lazer, à educação, à religião.

Segundo o pioneiro entrevistado a vida campesina outrora era muito difícil, pois o camponês não tinha incentivo quanto aos estudos e por isso almejavam que seus filhos estudassem para serem doutores enquanto os mesmos eram responsáveis pelos cuidados com a terra: plantio do café, soja e algodão. Assim comentou o senhor João Silvestre:

“Hoje é diferente, existem os sindicatos, os movimentos sociais que lutam pela permanência dos camponeses no campo e seus filhos podem estudar e ter conhecimento de tudo o que acontece no mundo, hoje a tecnologia chegou também no campo, facilitando e melhorando a vida para todos”.

Aproveitando a fala do camponês sobre a tecnologia, plantação e cuidados com a terra. Para tal organizou-se um dia de conscientização no campo quanto ao uso de agrotóxicos, queimadas e desmatamentos e o destino do lixo reciclável e não reciclável. O qual foi muito proveitoso, chegando ao entendimento tanto dos alunos como da comunidade envolvida de que não se pode agir pensando somente no hoje e sim no amanhã e a preservação da terra, da água e do meio ambiente para que mais tarde não tenhamos um planeta transformado num deserto, sem água, sem comida e tomado por doenças.

Foi interessante a fala do camponês quando afirmou: *“O homem do campo é responsável pela agricultura, pois é o mesmo que planta e colhe”*.

Segundo Caldart (2002, p. 56) “Educar é socializar conhecimentos e também ferramenta de como se produz conhecimentos que afetam a vida das pessoas, em suas diversas dimensões, de identidade e de universalidade”. A autora ainda relata de que é preciso entender o conhecimento como compreensão da realidade para transformá-la; compreensão da condição humana para torná-la mais plena.

Portanto, pode-se dizer que a educação do campo tenha muitos limites e há uma longa caminhada a ser perseguida na conquista de uma educação de qualidade socialmente referenciada nos interesses dos camponeses e camponesas, aprendendo junto com seus alunos e alunas e já representa uma conquista dos movimentos sociais e dos sujeitos protagonistas da luta por terra, por vida digna e por uma educação justa e igualitária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa com consultas bibliográficas em diferentes autores sobre a Educação no e do Campo propriamente ditas, proporcionou importantes reflexões sobre esse processo de ensino e aprendizagem. O trabalho se deu fundamentado

em princípios concernentes a contribuição da metodologia e na importância do ensinar e aprender objetivando o desenvolvimento destes indivíduos como um ser integral.

Vale ressaltar que, além disso, se a Educação do Campo existe em um fato oportuno, as atividades ampliadas e o seu papel na edificação do conhecimento possuem uma relação e uma expressão nítida de atividades dessa própria realidade.

Ela visa a anulação do atrelamento, ao comando do “moderno”, à geração de mudanças, ao movimento de valorização do mundo rural e ao momento da criação do “abarcamento” da escola com sua realidade de introdução.

Designo, assim, os elementos que induzem à formação de novos modelos de eficiência, objetivando ações de desenvolvimento local, integrando o ser humano e natureza.

Em relação a Educação no e do Campo, entendeu-se também que, o trabalho docente do educador do campo precisa ter intercâmbio permanente com as orientações educacionais com políticas voltadas para a escola e para o meio onde está inserida para que aconteça uma educação realmente igualitária, pois o não oferecimento de capacitações, a falta de recursos para a prática pedagógica e as condições de funcionamento da escola, dificulta o ensino no e do campo, com uma política de erradicação.

E assim os educandos possam freqüentar uma escola que não tenha apenas a professora, os livros e as paredes, e sim com algo mais: uma educação de acordo com a realidade e as necessidades do público em questão.

É fato de que à especificidade do campo e à diversidade de seus sujeitos é uma das lutas dos movimentos sociais organizados no país. Para as organizações que atuam nesta área cada grupo apresenta formas específicas de produção de saberes, conhecimentos, ciência, tecnologias, valores, culturas.

Portanto, observa-se que a educação desses diferentes grupos tem

especificidades que devem ser respeitadas e incorporadas nas políticas públicas e no projeto político-pedagógico da Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Clésio Acilino. LUCINI, Marizete. **Ensinar e aprender na educação do campo: processos históricos e pedagógicos em relação**. Campinas: Cad. Cedes, vol. 27, n. 72, p. 177-195, maio/ago. 2007.

BICA, Gabriela Schenato, SILVA, Cristiane Rocha; HOELLER, Silvana Cássia. **A educação do campo na compreensão de educadores do Programa de Formação de Educadores – Projovem Saberes da Terra no Paraná. FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO**. Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Disponível em: <<http://www.encontroobservatorio.unb.br/arquivos/artigos/187.pdf>>. Acesso em: 06 de junho de 2011.

BRASIL. Ministério da Educação, Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional, Lei 9394/96. Brasília, 1996.

CALDART, Roseli S. **Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção**. In: Educação do campo: identidade e políticas públicas - Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação Do Campo” 2002.

CALDART, Roseli Salette. **Concepção de Educação do Campo**. Síntese produzida para exposição sobre a Licenciatura em Educação do Campo (texto-fala). POA: ENDIPE, 29 de Abril de 2008.

FARO, M. G. Cecília. (2009). **Uma reflexão sobre o aprender e o ensinar**. Disponível em: <www.educacional.com.br>. Acesso em: 20 de dezembro de 2010.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FURTADO, Eliane Dayse P. e FURTADO DE SOUZA, José Ribamar–A Intervenção Participativa dos Atores; uma metodologia construída no contexto dos assentamentos rurais do Ceará. IN: Educação em Debate, ano 20, Nº 30. Revista da FACED-UFC, Fortaleza, Edições UFC, 1998.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Ir; MOLINA, Mônica Castagna (orgs). **Por uma educação básica do campo**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

LIBERATTI, Arlindo. **A Educação deve ser o alicerce de um país e o orgulho de seu povo!** Disponível em: <<http://www.corcesp.org.br/palavra.asp>>. Acesso em 03 de junho de 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 36. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. SECRETARIA de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade-SECAD. **Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas**. Brasília/DF: MEC, março de 2007(Cadernos SECAD 2).

TEVES, Nilda. **O imaginário na configuração da realidade social**. In: TEVES, Nilda. **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.